

BRASIL COLÔNIA: UMA ORGANIZAÇÃO MANUFATUREIRA DA PRODUÇÃO

Sandra Machado Rossoni *

Resumo

O ensaio propõe-se a apontar alguns aspectos do caráter manufatureiro da produção colonial brasileira. Para tanto, tomou-se por base os escritos de **Adam Smith e André João Antonil** - ambos do século XVIII. Pretende-se demonstrar que no Brasil- Colônia as manufaturas se desenvolveram com mais facilidade do que na Europa, sendo os engenhos de açúcar o protótipo desse desenvolvimento.

Abstract

The assay presents some aspects of the handmade character of the brazilian colonial production. For that, it was based on the written works of Adam Smith and André João Antonil - both of XVIII century. It intends to show that in colonial- Brazil, the manufactories developed themselves easily than in Europe, the sugar gadgets were the prototype of that development.

Introdução

Tomando-se Adam Smith como fundamento teórico, podemos afirmar o caráter manufatureiro da produção colonial brasileira. Smith descobriu que a divisão do trabalho nas manufaturas européias havia criado oportunidades para os fabricantes aumentarem a produtividade dos trabalhadores e, assim, reduzirem o custo dos produtos.

O princípio de Smith baseou-se na observação empírica. Percebeu que um certo número de trabalhadores especializados, ocupando-se cada qual com uma etapa individual da fabricação de um alfinete, por exemplo, poderia produzir, em um dia, muito mais alfinetes do que o mesmo número de trabalhadores empenhados na produção de alfinetes inteiros.

Ora, no Brasil-Colônia, mesmo com a utilização do trabalho escravo, encontramos processo semelhante de manufatura nos engenhos da açúcar.

O presente estudo tem por finalidade demonstrar que o Brasil colonial apresentava um alto estágio de desenvolvimento das forças produtivas e que não tinha, como na Europa, que

* Mestranda em Fundamentos da Educação. Docente da UNIPAR

se confrontar com os empecilhos feudais.

1. A manufatura europeia, segundo Adam Smith

Entende-se por produção manufatureira, a forma de organização do trabalho que se desenvolve a partir do século XVI em alguns países europeus. O processo do trabalho passa a concentrar-se nas mãos de uma única pessoa, o burguês. Divididas as tarefas, cada mercadoria passa, necessariamente, pelas mãos de todos os trabalhadores, até o seu acabamento final.

Essa forma de organizar a divisão do trabalho dentro de cada ofício, levou os homens de negócios a produzirem mais riquezas, com menos tempo de trabalho e um menor custo.

Vejam o clássico exemplo de Smith sobre a manufatura de alfinetes:

“Um homem estica o arame, outro o endireita, um terceiro corta-o, um quarto o aponta, um quinto esmerilha o topo para receber a cabeça; fazer a cabeça exige duas ou três operações distintas, colocá-la é uma tarefa à parte; branquear os alfinetes é outra; é mesmo outra indústria, o colocá-los no papel, e o importante negócio de fazer um alfinete é destarte, dividindo em cerca de dezoito operações distintas, que em algumas manufaturas são todas executadas por mãos distintas, se bem que em outras o mesmo homem às vezes fará duas ou três delas”.

(Smith, A., 1982, p.2) (Grifos nosso)

Como podemos verificar, para Smith, a divisão do trabalho não só representa um aumento das forças produtivas, como também um aumento sensível da produção. Senão, vejamos:

“(...) trabalhando todos separados, independentes, e sem nenhum deles ter sido educado neste ofício, diz Smith, certamente cada um deles não conseguirá fazer vinte, nem mesmo um alfinete por dia, que por certo, não é duzentas e quarenta vezes, nem quatro mil e oitocentas vezes menos do que atualmente são capazes de perfazer em conseqüência de uma divisão e combinação adequada de suas diferentes operações”.

(Idem, Ibidem) (grifo nosso)

Adam Smith é o interlocutor da sociedade inglesa do século dezoito, país clássico do desenvolvimento burguês, onde os homens já haviam resolvido boa parte dos obstáculos feudais.

Nesse cenário escreve **Riqueza das Nações**, com o objetivo de remover do caminho da sociedade burguesa aqueles empecilhos institucionais que haviam sido herdados do mundo feudal e que impediam o desenvolvimento das forças produtivas. Nas prioridades de Smith estavam as corporações de ofícios, a Lei da Primogenitura, a Lei do Morgadio e os monopólios comerciais.

O que importa em nosso trabalho é destacar que, ao iniciar a sua obra, referindo-se à fabricação de alfinetes, Smith tem em vista dois objetivos bem definidos. Um deles é o de mostrar que, no processo produtivo, a forma burguesa de divisão do trabalho é superior à feudal. A primeira é capaz de produzir em um único dia, mais alfinetes do que a outra em um ano.

O segundo objetivo é mostrar que a produção manufatureira não se limita a atender às necessidades de produtos industriais da coroa, nobreza e burguesia, mas que visa atender a toda a coletividade nacional,¹ mas, também, que não se

¹ Todos não no sentido matemático da palavra, mas no intuito de dizer que visava a demanda de um número muito grande de pessoas: assim todos aqueles que pudessem obter através do mercado.

restringe apenas aos consumidores de um determinado país. Smith está falando de uma produção que depende da liberdade de iniciativa, i. é, que a riqueza produzida possa circular livremente e que os trabalhadores possam movimentar-se sem empecílios externos.

É com base em tais parâmetros que afirmamos não ter havido entraves feudais para o desenvolvimento econômico no Brasil do século XVIII. Aparentemente, a atividade produtiva do Brasil colonial estava livre das pressões do clero e da ganância de uma nobreza ociosa. O modelo de produção em vigor nos engenhos de açúcar à moda portuguesa, apresenta um grau de produtividade igual, ou quiçá maior do que aquela pretendida pela fábrica de alfinetes de Adam Smith.

2. A manufatura colonial, segundo João Antonil

Para confirmar nossa tese, tomamos **Cultura e Opulência do Brasil** de João Antonil (João Antonio Andreoni). A obra nos permite compreender melhor as bases teóricas e organizacionais sobre as quais se desenvolveu a produção do açúcar no Brasil.

Os engenhos de açúcar, afirma Antonil, com todo o aparato que os acompanhava, representavam o grande palco da produção colonial. Assistia-se, ali, a um espetáculo de suor e sangue que, com sua singularidade, mostrava a todos a engenhosidade da produção açucareira.

Antonil narra com minúcias os procedimentos que eram seguidos, desde a escolha da terra para o plantio da cana, passando pela moagem, pelo número de pessoas necessárias para a moenda, até chegar ao momento da entrega do produto em condições de consumo e comercialização.

O autor mostra que os engenhos de açúcar eram dirigidos e produziam seguindo regras de gerenciamento do trabalho. Para o seu perfeito funcionamento possuíam um administrador - no caso o senhor de engenho - que era responsável pela divisão de tarefas - e representava para a

ordem estabelecida, a peça principal para se fazer "cabedal". Organizar e dirigir a produção, cabia agora ao governo de um só homem, nas palavras de Claudinei Magno Magre Mendes:

"Ser senhor de engenho não é, deste modo, título, condição social que o mantém alheio à produção, como o são os senhores feudais, mas a encarnação de uma relação social na qual os instrumentos de trabalho têm a finalidade de extorquir trabalho excedente".

(Mendes, 1983, p. 109) (grifo nosso)

Sobre essa encarnação de uma relação social despojada de quaisquer empecilhos feudais é que a produção escravista colonial apresentava um alto estágio de desenvolvimento das forças produtivas. Mesmo sendo o trabalho escravo o fundamento do processo produtivo colonial, a produção açucareira exigia, em determinadas funções, uma mão-de-obra mais qualificada. Para tanto, o trabalho assalariado, mesmo aplicado em pequenas proporções, assumiu funções importantes nesse sistema, pois a escravidão só é viável a partir do momento em que o trabalhador livre possibilita a utilização dos escravos. E que para Mendes:

"Com efeito, a adoção do trabalho escravo em um processo produtivo que se encontra no estágio manufatureiro exige a utilização do trabalho livre na própria produção, visando, assim, uma simbiose destas duas formas de trabalho. Efetivamente, a manufatura, transição entre o trabalho artesanal e o industrial, não elimina por completo a habilidade do trabalhador".

(Idem, p. 87) (grifos nosso)

Pode-se afirmar que a utilização concomitante do trabalho escravo e do trabalho assalariado é tão só uma necessidade momentânea do estágio manufatureiro colonial que se sustentava sobre a base do trabalho escravo.

Sendo assim, não é por utilizar o trabalho compulsório que a produção colonial pode ser comparada com uma produção nos moldes feudais. Pelo contrário, o alto grau de desenvolvimento da produção manufatureira no Brasil-Colônia fica patente quando observamos que os engenhos de açúcar eram movidos a força da água. Vejamos o fascínio de Antonil ao iniciar, no Livro II, Cap. V, a descrição completa desse processo:

“Ainda que o nome do engenho compreenda todo o edifício com as oficinas e casas necessárias para moer a cana, cozer e purgar o açúcar, contudo, tomando mais em particular o mesmo é dizer casa do engenho que casa de moer a cana, com o artifício mói-se nesta casa a cana com tal artifício de eixos e rodas que bem merece particular reflexão e mais distinta notícia. (...) Tomam para mover a moenda do rio acima, aonde faz a sua queda natural, a que chama levada, que vem a ser uma porção bastante de água do açude ou tanque, que para isso tem, divertida com represas de pedra e tijolo do seu curso, e levada com declinação moderada por um rego capaz e forte nas margens, para que a água vá úmida e melhor se conserve, cobrando na declinação cada vez maior ímpeto e força, com ser sangrador para a divertir, se for necessário, quando por razão das chuvas ou cheias viesse mais do que se pretende e com outra abertura para duas bicas, uma que leva água para a casa das caldeiras, e outra que vai a refrescar o aguilhão da roda grande dentro da moenda, servindo-se para comunicação outro aguilhão de uma tábuca, e assim, que chamam caliz, sustentando de pilares de tijolo e na parte superior descoberto, cujo extremo inclinado sobre os cubos da roda se chama feridor, porque por ele vai a água a ferir os ditos cubos, donde se origina e continua o seu moto”.

(Antonil, 1982, p. 107-108)

Para a época é, sem dúvida, um processo avançado de trabalho. Antonil nos deixa evidente

a divisão do trabalho dentro dos engenhos. É a própria complexidade do processo de produção que assim o exigia. Descreve-o com abundância de detalhes:

“Servem ao senhor de engenho, em vários ofícios, além dos escravos de enxada e foice (...), e fora os mulatos e mulatas, negros e negras de casa, ou ocupados em outras partes, barqueiros, canoieiros, calafates, carapinas, carreiros, oleiros, vaqueiros, pastores e pescadores. Tem mais cada senhor destes, necessariamente, um mestre de açúcar, um banqueiro e um contrabanqueiro, um purgador, um caixeiro no engenho e outro na cidade, feitores nos partidos e roças, um feitor-mor do engenho, e para o espiritual um sacerdote seu capelão e dada qual destes oficiais tem soldada”.

(Idem, p. 75) (grifos nosso)

Ao citar expressamente cada ofício tido como necessário para o bom funcionamento do engenho, Antonil deixa claro, a seu ver, quanto a divisão do trabalho era importante para a produção do açúcar. A tese que estamos procurando demonstrar fica patente nas descrições de Antonil que seguem:

Do mestre de açúcar:

“A quem faz o açúcar, com razão se dá o nome de mestre, e esta, não basta que seja qualquer, mas é necessária a experiência local, a saber, do lugar e qualidade da cana, aonde se planta e se mói; porque os canaviais, de uma parte, dão cana muito forte, e de outra muito fraca”.

(Idem p. 85)

Do banqueiro e contrabanqueiro:

“O que até agora está dito, pertence em grande parte ao banqueiro também, que é o soto mestre e ao soto banqueiro, seu ajudante. E, além disso, pertence a estes dois oficiais ter cuidado do

tendal das formas, de tapar-lhes os buracos, cavar-lhes as covas de bagaço com cavadores, endireitá-las e botar nelas o açúcar feito com as três tâmpas, das quais se fará em seu lugar; e, depois de três dias enviá-las para a casa de purgar, ou sobre paviolas, ou às costas dos negros para que o purgador trate delas”.

(Idem, p. 86)

Do purgador de açúcar:

“Ao purgador de açúcar pertence ver o barro que vem para o girão a secar-se sobre o cinzeiro, se é qual deve ser, como se dirá em seu lugar; olhar para o amassador, se anda como deve, com o rodo no cocho, furar os pães nas formas e levantá-las (...).

(Idem, p. 87)

Do caixeiro do engenho:

(...) “Falo aqui do caixeiro que encaixa o açúcar, depois de purgado. E sua obrigação é mandar tirar o açúcar das formas, estando já purgado e enxuto, em dias claros e de sol; assistir quando se mascava e quando se beneficia no balcão se secar, partindo-o quebrando-o como se dirá em seu lugar” (...).

(Idem, p. 88)

Do caixeiro da cidade:

O que se dirá não pertence ao caixeiro da cidade, porque este trata só de receber o açúcar, já encaixado, de o mandar ao trapiche, de o vender ou embarcar, conforme o senhor do engenho o ordenar e tem livro da razão de dar e haver, ajusta as contas e serve de agente, contador, procurador e depositário de seu amo, ao qual, se a lida é grande, dá-se soldada de quarenta ou cinquenta mil réis”.

(Idem, Ibidem)

Do feitor mor:

“Obrigação do feitor mor do engenho é governar a gente e reparti-la a seu tempo, como é bem, para o serviço. (...) Dar conta ao senhor de tudo o que é necessário para o aparelho do engenho, antes de começar a moer, e, logo acabadas a safra, arrumar tudo em seu lugar”.

(Idem, p. 84)

Do feitor da moeda:

“O feitor da moenda chama a seu tempo as escravas, recebe a cana e a manda vir e meter bem nos eixos e tirar o bagaço, atentando que as negras não durmam, pelo perigo que há de ficarem presas e moídas, se lhes não cortarem as mãos, quando isto suceda, e mandando juntamente divertir a água da roda, para que pare”.

(Idem, Ibidem)

E para as tristes almas dos corpos escravizados, aos quais não cabia alternativa, senão submeter-se ao brandir dos açoites e à dura lei do trabalho imposta pelo dominador, ali estava, o capelão com seu ofício de acalmá-las:

“O primeiro, que se há de escolher com circunspeção e informação secreta do seu procedimento e saber, é o capelão, a quem se há de encomendar o ensino de tudo o que pertence à vida cristã, para desta sorte satisfazer à maior das obrigações que tem, a qual é doutrinar ou mandar doutrinar a família e escravos (...). E, para isso, se for necessário dar ao capelão alguma coisa mais do que costuma, entenda que este será o melhor dinheiro que se dará em boa mão”.

(Idem, p. 81)

Conclusão

A comparação possível, segundo a visão de Adam Smith e de João Antonil, entre o estágio de produção alcançado pela Inglaterra e pelo Brasil-Colônia, no século XVIII, deixa evidente o caráter revolucionário e inovador da produção dos engenhos de açúcar do período colonial brasileiro. É com base nas descrições de Antonil que ousamos qualificar a produção colonial como uma organização manufatureira.² Foi uma estrutura avançada e inovadora para os padrões da época, na medida em que a utilização da força motriz hidráulica - portanto, não manual - garantia um alto nível de aproveitamento das forças produtivas.

Antonil já se referia a esse processo em 1711, portanto, mais de meio século antes de Smith. E o que nos demonstrou com sua obra, é que a sociedade colonial apresentava de forma desenvolvida o caráter capitalista da produção, onde a utilização do trabalho escravo não tira o caráter manufatureiro desta forma de fabricar as mercadorias.

Bibliografia

1. ANTONIL, João (João Antônio Andreoni). **Cultura e Opulência do Brasil**. São Paulo : Itatiaia, 1982.
2. MENDES, Claudinei Magre Mendes. **Cultura e Opulência do Brasil: um tratado sobre o governo da gente e fazenda**. Dissertação de Mestrado. São Paulo - USP, 1983.

3. SMITH, Adam. **Riqueza das Nações**. São Paulo : Hemus, 1981.

² A nossa posição, apesar de ousada, encontra respaldo na dissertação de mestrado de Claudinei M. Magre Mendes: *Cultura e opulência do Brasil: um tratado sobre o governo da gente e fazenda*.